



A TEORIA DO PODER DO SABER DE FOUCAULT E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da¹
Rosângela Patriota Ramos²

RESUMO

A teoria do poder do saber de Foucault é compatível com seu desenvolvimento acadêmico. O micropoder do sujeito é a relação de Poder/Saber. A relação simbiótica de poder forma o sistema de verdade na sociedade moderna, e as estratégias de solução são a luta parcial e a estética da sobrevivência. No campo da educação, a teoria do poder do conhecimento de Foucault teve um impacto profundo na visão do sujeito, visão do conhecimento, visão professor-aluno, visão do propósito e valores.

Palavras-chave: Saber. Poder. Epistêmico. Micropoder. Implicação Pedagógica. Foucault.

Michel Foucault (1926-1984), como o mais importante pensador da França depois de Sartre, é um dos representantes da filosofia conceitual. Aprendendo a genealogia e finalmente tomando a ética como válvula de escape, três campos principais foram reunidos em um todo: uma análise de sistemas de conhecimento, de formas de poder e de si em relação a si mesmo.^A A teoria do poder do conhecimento de Foucault é coerente com o contexto de seu desenvolvimento acadêmico e teve um impacto profundo no campo da educação.

(1) A perspectiva da arqueologia: a mudança de tipo epistêmico reflete a autonomia e o retorno do saber

A arqueologia de Foucault não se refere precisamente a uma disciplina, mas à reconstrução e exame do conhecimento como condições subjacentes de possibilidade de cognição, teoria, instituição e prática. Em "Palavras e Coisas", ele revela duas grandes rupturas na epistemologia da cultura ocidental em meados do século XVII e início do século XIX. Foucault restaura as infinitas partes e fragmentos dos seres humanos à sua identidade, status e papel finitos e infinitos no presente, e se torna a realidade da experiência específica.

Tipo cognitivo, às vezes traduzido como "tipo de conhecimento". Não é uma forma de conhecimento em si, nem uma ideia comum e atitude central que pode ser vista em vários conhecimentos, temas e espíritos heterogêneos. Não pertence à categoria das ideias, mas à categoria das condições, é a relação total de vários saberes, aquelas configurações no espaço do saber, produzem vários saberes empíricos.

O conceito de epistemologia pode ser entendido a partir de dois ângulos de relação e condição. Diferentes tipos de conhecimento têm diferentes temas e conteúdos, mas sua composição interna, forma organizacional e lei ideográfica são as mesmas, as leis desses

¹ Possui graduação em Ciências sociais com estudos em sociologia da educação, mestre em Filosofia e doutorando em Educação arte e história da cultura pela UPM, graduação em história, pedagogia e especialização em filosofia da educação pela UNICLARETIANAS. Atualmente é professor universitário da Faculdade Gran Tietê nas disciplinas de história da educação e sociologia e da rede privada da educação. email- joebarduzzi@yahoo.com.br

² Professora Assistente Doutora no Programa de Pós-Graduação em Educação, Artes e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pesquisadora CNPq e Professora Titular Aposentada da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). rosangelapatriota@gmail.com .

conhecimentos são as mesmas, condições para dar conta das discontinuidades no conhecimento. Desde o Renascimento, houve quatro características epistêmicas diferentes, nosso entendimento é o seguinte:

A primeira é a "semelhança" do Renascimento. Na cultura desse período, o princípio da semelhança desempenhou um papel construtivo, e coisas e palavras foram conectadas de acordo com a "semelhança", ordenando assim. A semelhança toma o encaixe, a imitação, a analogia e a simpatia como formas básicas para tornar visível a invisibilidade das coisas por meio dos símbolos, e pensar na garantia do conhecimento e nos limites da expansão do conhecimento na relação entre os dois emaranhados no universo.

O conhecimento se manifesta em três aspectos: está na relação entre linguagem e linguagem; está em restaurar o grande plano unificado das palavras e das coisas; está em deixar tudo falar. O significado original do conhecimento não é contemplar ou provar; o significado original do conhecimento é explicar. A semelhança é criada por Deus e está escondida. Atualmente, a forma de conhecimento é a ciência misteriosa, e a forma de filosofia é a teologia.

O segundo tipo, a característica básica do tipo cognitivo no período clássico é a "representação". No lugar da semelhança, o classicismo qualificou os signos em função das três variáveis de origem, tipo e certeza da relação. A característica da representação é: o sujeito que observa a representação está oculto, incapaz de se representar e só pode ser representado como um objeto.

Nas duas formas de comparação de escala e ordem, o símbolo torna-se a representação da representação, um sistema formado pela combinação de treinamento intelectual, taxonomia e análise genética. A permutação mais geral dos tipos epistêmicos.

O tipo cognitivo de representação toma a natureza como o principal objeto de representação, então a forma de conhecimento é a ciência natural, e a forma de filosofia é o racionalismo. A generalização do conhecimento no pensamento filosófico revela uma relação constante e fundamental entre o conhecimento experiencial e a formação intelectual geral, sem exigir um modo especial de reflexão.

O terceiro tipo, a característica epistêmica do período moderno é "sujeito e consciência do sujeito". Embora Foucault não tenha generalizado, as pessoas começaram a conectar as coisas com base nos princípios de essência, origem e estrutura, correspondendo aos tipos epistêmicos antes e depois.

Nos últimos anos do século XVIII, as coisas não eram descritas, enunciadas, caracterizadas, classificadas e reconhecidas da mesma maneira, e nas lacunas das palavras ou por sua transparência, não eram mais riquezas, criaturas e discursos que eram apresentado ao conhecimento, mas é uma existência completamente diferente.

A arqueologia do conhecimento não pode usar uma única palavra para "explicar" ou mesmo registrar os cortes profundos que aparecem na área contínua. A filologia, a biologia e a economia nasceram uma após a outra. A partir das exposições de Kant, Fichte, Hegel, Husserl, etc., o campo da experiência se conecta com reflexões sobre subjetividade, ser humano e limitações. Os conceitos de trabalho, organismo e sistema gramatical são introduzidos na representação em [análise](#).

Essa análise ainda está no espaço gráfico em que se desenvolveu até agora, e a positividade do conhecimento mudou sua natureza e forma. No nível arqueológico, a produção substituiu a troca, pois o modo básico, como a vida capital e a linguagem, sustenta a correlação secundária e derivada entre nova ciência e tecnologia e novos objetos, enterrados nas profundezas do nível arqueológico. tornaram-se as duas grandes formas de análise do nosso tempo.

Nesse tipo de epistemologia, as forças abstratas existem em ambos os lados do sujeito e do objeto, e o homem é entendido como tal existência que o conhecimento se torna possível apenas dentro dele. Portanto, a forma de conhecimento neste momento são as humanidades, e a forma de filosofia é o antropocentrismo.

O homem não é apenas o sujeito do conhecimento, mas também o objeto do conhecimento. Devido à finitude do ser humano, no espaço vazio do discurso, as pessoas vivem,

falam, trabalham, compreendem a vida, a linguagem e o trabalho, e são compreendidas. tipo de cognição pós-moderna.

Quarto, a característica epistêmica do período pós-moderno é "a morte do homem". Da análise do discurso à análise restritiva, as humanidades precisam despertar o sono da antropologia. As humanidades (como a sociologia e a psicologia) com os seres humanos como objeto de experiência estão no triedro do conhecimento, ou seja, ciências dedutivas, como matemática e ciências físicas; ciências empíricas, como lingüística, biologia e economia; várias ciências da vida Filosofia, a filosofia das pessoas alienadas e a filosofia das formas simbólicas existem nas lacunas e definem um nível comum a partir de três direções: o nível formal do pensamento e as ^{aqui} humanidades são excluídas do campo epistemológico moderno.

Um período de cultura epistêmica mais recente está chegando, a epistemologia subconsciente contemporânea, na qual a forma de conhecimento são as anti-humanidades e a forma de filosofia é a arqueologia. Nesse período, o "homem" como sujeito e objeto do conhecimento não existe mais, e o homem será apagado, assim como um rosto na areia à beira-mar.

^A positividade das humanidades assenta na transformação de três modos: o modo biológico (fenómenos marginais), o modo econômico (episódios limitados) e o modo filológico e lingüístico (modo formal). "Morte do homem" ou "dissolução do homem" é a morte do sujeito capitalizado, a morte do sujeito da existência com essência e liberdade, a morte do sujeito como fonte e fundamento do conhecimento, liberdade, linguagem e história, isto é, a morte do sujeito acompanhante. O fim do humanismo da filosofia.

O ser humano não é uma racionalidade unidimensional. O monólogo maiúsculo deve ser um complexo de transcendência e experiência, cogito e não-pensamento, recuo e retorno à origem, significante e significado, homogeneidade e heterogeneidade, heteronomia e autonomia, como sujeito da ética e do conhecimento. distribuídos na grade de conhecimento.

Os dois últimos tipos epistêmicos pertencem aos tipos epistêmicos modernos, e o Sr. Wang Ming An os reconheceu como dois estágios, de acordo com a auto divisão de tipos epistêmicos de Foucault, e a conversão de tipos epistêmicos em "morte humana" é verdadeiramente concluída. Habermas acredita que o conhecimento moderno é dominado por uma vontade única de verdade, e a vontade de verdade é a chave de Foucault para revelar a relação íntima entre saber e poder. ^A vontade de buscar a verdade é a base para buscar o bem e a beleza, especialmente a "morte do homem" no segundo estágio do modelo cognitivo moderno, que aprofunda a compreensão da vontade de buscar a verdade.

A filosofia da consciência e a filosofia do conceito encontraram um ponto comum de integração nesta questão. O sujeito e a subjetividade não estão completa e completamente extintos, mas liberados da grande narrativa como entendida por Lyotard e outros, e as maiúsculas se tornaram minúsculas. Foucault nega que haja um aumento do conhecimento científico, mas apenas a transformação da estrutura do discurso científico e a subversão da configuração do conhecimento.

Devido à incomensurabilidade entre esses tipos de cognição, eles não são contínuos, mas intermitentes, e a mudança de um tipo de cognição para outro ocorre repentinamente, o que é uma ruptura: o último tipo de cognição não é mais. O primeiro tipo de cognição é mais avançado, e o padrão de um tipo de cognição não pode ser usado para julgar se outro tipo de cognição é verdadeiro ou falso; as pessoas que vivem em um tipo de cognição irão apenas ignorar e esquecer o outro tipo de cognição, apenas da perspectiva da arqueologia, a fim de ver as características de cada tipo cognitivo e suas mudanças.

A publicação de "A Arqueologia do Saber" marca o aprofundamento da compreensão de Foucault sobre as causas do conhecimento, sintetizando e enfatizando a metodologia utilizada na história do pensamento em "A loucura e a civilização", "O nascimento da clínica médica" e "Palavras e Coisas". Ele substituiu o conceito de "epistemologia" por práticas discursivas características do positivismo e concentrou-se no contexto social do discurso. Foucault sente profundamente que o conhecimento ou a verdade não são isolados.

Para Foucault, o conhecimento é aquilo de que se pode falar em uma prática discursiva elaborada: é a gama de diferentes objetos que vão ou não adquirir o estatuto de ciência; o conhecimento é também um espaço no qual o sujeito pode se colocar para falar dos objetos a que se refere em seu próprio discurso; o conhecimento, novamente, é uma esfera justaposta e subordinada de enunciados em que os conceitos surgem, desaparecem, são usados e transformados; finalmente, o conhecimento é fornecido pelo discurso. A possibilidade de uso e adaptação é determinada.

A arqueologia percorre o eixo discursivo prática-saber-ciência. A linha divisória entre o discurso científico e todas as outras filosofias do conhecimento é que este fato não se refere à avaliação de algum legado original que pode estabelecer fatos e direitos em sujeitos a priori, mas ao processo da prática histórica.

Como espinha dorsal da filosofia conceitual francesa, Foucault é bom em mudar a terminologia ao corrigir e criticar internamente, substituindo a linguagem pelo discurso, substituindo a função de referência da conformidade pela prática discursiva e substituindo a importância da epistemologia pela importância do discurso.

Foucault nega resolutamente a existência de um sujeito supremo e fundamental através de suas pesquisas sobre loucura, clínica médica, humanidades (biologia, economia política e lingüística), prisões, história sexual e outras questões marginais da cultura e filosofia ocidentais, nega um sujeito de formas universais que se encontra em toda parte, e acredita firmemente que a maneira adequada de restaurar a história como ela é é a descrição arqueológica não originária, descontínua, individualizada, concreta e positiva da história do discurso.

A arqueologia é liberar a história do pensamento na sujeição ao transcendente. Ela pretende liberar o sujeito subjugado. Seu objetivo principal é opor a continuidade e a anti-subjetividade. Ela observa o conhecimento por meio de enunciados e discursos. Ela se concentra em como o conhecimento é Para obter o título, ao invés de focar na racionalidade do conhecimento.

Em *The Order of Things*, ele explora as três disciplinas de biologia, lingüística e economia política, concentrando-se em duas questões de mudança e assunto. Foucault adota o positivismo, parte da prática discursiva e discute que o discurso manipula o sujeito e constitui diversas premissas possíveis do sujeito.

A prática discursiva é exatamente o nível arqueológico que Foucault tenta revelar, não apenas as regras que os indivíduos devem cumprir, mas também a base e a condição decisiva para a inter-relação dos vários saberes e ciências empíricas em um determinado período de tempo.

O próprio homem é um texto, que se torna o arquivo do que aconteceu e está sendo escrito no enunciado da prática discursiva. Foucault enfatiza a incompletude do conhecimento por meio da conversão dos tipos cognitivos, restaura e mantém a limitação específica do ser humano e realiza a autonomia e o retorno do conhecimento.

(2) Na perspectiva da genealogia: o micropoder do sujeito é a relação de poder

A compreensão da prática discursiva levou Foucault a revisar e aprofundar o conhecimento ou a verdade da pesquisa arqueológica à pesquisa genealógica. Derivado da inspiração de Nietzsche, Foucault utilizou o método genealógico em suas obras como "A Ordem do Discurso", "Nietzsche, Genealogia e História", "Disciplina y Castigo" publicadas na década de 1970, apenas sobre as próprias coisas reais. Realizar investigações, ouça a história e devolva a história às suas verdadeiras cores.

Foucault introduziu a análise do poder na análise do discurso e descobriu que o discurso está sempre associado ao poder: o conhecimento ou a verdade são criados pelo poder, assim como as pessoas também são criadas pelo poder. Os seres humanos não são construções de inferências epistemológicas modernas, mas produtos do poder, que são moldados por punição social, supervisão, disciplina e normas educacionais. Foucault acredita que, embora os meios

normativos do poder moderno sejam muito mais brandos do que os da Idade Média, seu controle sobre as pessoas é mais rígido e penetrante.

Em 1972, ele disse no artigo "Intelectuais e poder" em co-autoria com Deleuze que algo tão misterioso, visível e invisível, presente e não presente, onipresente e penetrante, é chamado de poder. Ele acredita que as relações de poder existem universalmente e como uma grade em todas as áreas da sociedade. Por exemplo, essas relações de poder geralmente existem na relação pai-filho na família, na relação professor-aluno na escola e em outros grupos sociais, como fábricas e lojas.

E o poder depende do procedimento disciplinar que restringe o corpo, e percorre toda a sociedade. Por isso, Foucault apresentou o conceito de "disciplina" e lhe deu um novo significado. A disciplina prepara manicômios, hospitais e prisões para a loucura, a disciplina limita o pensamento e determina modelos educacionais, formas institucionais, relações sociais e formas econômicas. A disciplina sempre permeia o poder, assim como o poder está em toda parte, a disciplina também está. Foucault enfatiza que o poder é uma relação interna e interativa.

O poder não é uma instituição, não é uma estrutura, não é alguma força que temos; é o nome que as pessoas dão a uma situação estratégica complexa em uma determinada sociedade. ²² O poder permeia a sociedade e constitui internamente a forma social. O poder não está escondido no invisível, mas no visível ao mesmo tempo que a sociedade. O tipo epistêmico é substituído pelo poder.

Foucault estuda o poder e [as relações](#) de poder para explicar o problema do sujeito, analisa as relações de poder por meio de vários confrontos estratégicos e descobre que as relações de poder onipresentes são como capilares. Estendendo e infiltrando todo o campo social como escolas, hospitais, exército e fábricas, jogos estratégicos em que o poder é o sujeito são onipresentes, e a liberdade do sujeito é condição necessária para a existência de relações de poder.

Foucault acredita que "o que é poder" e "quem está exercendo o poder" não são importantes, mas a chave é "como o poder funciona". Isso requer a análise de vários "micropoderes" e como eles operam, ao invés de propor estratégias lutas locais nele são da mesma tensão.

Foucault usou o método da genealogia para analisar a relação entre loucura, discurso, sexo, saber, etc. e poder, revelando o micropoder e seu mecanismo operacional. Como método de análise do poder anti sujeito, o método da genealogia deve investigar o que está mais escondido na relação de poder; localizá-lo na base econômica; devemos também traçar o poder na forma de subgoverno ou super governo; encontrar seus traços em atividades materialistas.

Esse tipo ^{de} micropoder pode expressar a operação do poder que não somos fáceis de perceber e é lugar-comum. Gramsci acredita que conhecimento é poder, e Foucault acredita que poder é guerra. Análise mais aprofundada do atributo poder conhecimento é resultado de um jogo de poder.

Foucault acredita que a verdade é histórica, e o problema da verdade passou do problema epistemológico de "como obter a verdade" para o problema genealógico de "como a verdade se torna verdade" no estilo de Nietzsche. A própria verdade é poder e funciona em formas políticas, econômicas e culturais.

O conhecimento se opõe por sua própria forma, por mestres hostis e pelas consequências de seu poder interno, onde intervêm o poder e o Estado, que se chama "disciplina do conhecimento", incluindo quatro etapas: seleção, padronização, hierarquia e concentração.

Ou seja, selecionar o conhecimento, anular e menosprezar o conhecimento inútil, inaplicável e economicamente caro, padronizar o conhecimento, sistematizá-lo, generalizá-lo, comunica-lo e intercambiá-lo, promover o conhecimento entre os saberes e entre os intelectuais.

Classificar o conhecimento em especial, o conhecimento mais específico, o conhecimento mais geral e até o conhecimento mais formalizado; centralizar o conhecimento em uma pirâmide, de modo que seja possível controlar o conhecimento e garantir a seleção do conhecimento, disseminação de baixo para cima, de cima para baixo orientação e organização.

A disciplina do conhecimento é o resultado da operação de poder, mostrando o jogo entre diferentes sujeitos de poder.

A genealogia faz um esforço contra a disciplina do saber, a pesquisa que toca nos saberes oprimidos. Os saberes oprimidos englobam os saberes históricos há muito negligenciados e marginalizados e uma gama de saberes desqualificados considerados inadequados ou imprecisos, sendo estes últimos os saberes ingênuos, inferiores na hierarquia, no nível Abaixo do saber e da ciência reconhecidos.

A genealogia faz um estudo profundo desse conhecimento, libertando-o das hierarquias do conhecimento, e pondo em movimento o que é parcial, incoerente, degradado e ilegítimo, contra o tribunal da teoria holística, que termina com “Em nome da verdade”, no nome de direitos científicos controlados por algumas pessoas, todo esse conhecimento é filtrado, e eles são classificados e classificadas. O micropoder do sujeito é uma relação de poder, existe e é exercido na prática, é produtivo e construtivo, está ligado à resistência local e seu funcionamento está inerentemente relacionado ao saber.

Nietzsche usou a genealogia para criticar a moral para encontrar uma saída para a teoria do poder, que destinou a direção da pesquisa de Foucault depois de aprender com Nietzsche. Da genealogia à ética, Foucault encontrou uma solução estratégica para a relação simbiótica entre conhecimento e poder.

3 A perspectiva da ética: a relação simbiótica entre conhecimento e poder forma o sistema de verdade na sociedade moderna, e as estratégias de solução são luta parcial e estética de sobrevivência

Desde o início dos anos 1980, o foco da pesquisa de Foucault mudou da discussão anterior de como o sujeito entra no jogo da verdade no nível da teoria e da prática compulsória, para o exame de como os indivíduos se constroem como sujeitos éticos por meio da preocupação consigo mesmos. Influenciado por Nietzsche, Foucault valoriza a relação potencial entre saber e poder.

Em francês, "conhecimento" (*Savoir*) e "poder" (*Pouvoir*) compartilham a raiz comum *Voir*. Foucault pensa que é uma ligação psicológica entre os dois, significando ver, saber e controlar. Com base nisso, Foucault vê a geração de conhecimento humano como um mecanismo de conflito. O discurso é um ato de fala para expressar a verdade, e a luta pelo poder do discurso inevitavelmente levará à opressão e ao controle, à conspiração e à violência.

O poder cria o saber, e o poder e o saber estão diretamente relacionados entre si. Sem correspondente construção de um campo de saber, não pode haver relação de poder, e sem simultaneamente pressupor e construir relação de poder, não haverá conhecimento. O conhecimento é produzido pelo poder e, em seguida, produz funções de poder, consolidando ainda mais o poder.

Conhecimento e poder constituem o dois em um de gestão e controle, moldando o sujeito. Nós nos submetemos ao poder para a produção da verdade, e o poder só pode ser exercido por meio da geração da verdade. Os problemas políticos dos intelectuais devem ser considerados em termos de verdade e poder, não em termos de ciência e ideologia. Foucault rejeita a simples equivalência da razão como poder ou do conhecimento como poder, porque a unicidade do conhecimento e o papel vital do intelectual são negados. O poder moderno não está associado à ignorância, mas, ao contrário, a todo o conjunto de mecanismos que garantem a formação, o investimento, o acúmulo e o crescimento do conhecimento.

O impacto do poder no conhecimento é específico, detalhado e analisado em circunstâncias específicas. Uma certa forma de poder pode produzir conhecimento com objetos e estruturas muito diferentes. A tarefa de difundir a verdade é interminável: apreciar suas complexidades é dever integral de qualquer tipo de poder.

Cada sociedade tem o seu regime de verdade, a sua política geral da verdade, ou seja, dos tipos de discursos que cada sociedade aceita e disponibiliza como verdadeiros; mecanismos e instituições para identificar os enunciados verdadeiros e falsos; técnicas e procedimentos para

obtenção da verdade; o status de pessoas que têm a responsabilidade de dizer o que funciona para as coisas reais; a verdade circula com alguns.

Está ligada à instituição do poder no mundo e à eficácia do poder que é causada por ela e que a mantém em circulação. Este é o sistema da verdade. Como núcleo do sistema social, o sistema de verdade se ajustará constantemente na relação de poder uma vez produzido, para que a operação do saber-poder possa atingir o estado mais ideal. Os desdobramentos e conflitos que perpassam o poder-saber e constituem o poder-saber determinam as formas de saber e seus campos possíveis. Do ponto de vista de Foucault, o sujeito do conhecimento e o sujeito do poder pertencem ao sujeito que se sujeita aos outros por ser controlado, e o sujeito ético pertence ao sujeito que se sujeita a si por autoconsciência e autoconhecimento.

Na teoria do poder do conhecimento de Foucault, a partir da análise pós-moderna da epistêmica "morte do homem", podemos ver a propagação do sujeito e a separação do sujeito de si no discurso como um todo, o que reflete sua compreensão do sujeito do conhecimento e poder.

A sublimação do pensamento no processo de desenvolvimento do sujeito em um sujeito ético não discute a morte do sujeito, mas a remodelação do sujeito. As lutas parciais travadas pelos intelectuais revelam a verdade de que os homens modernos estão escravizados pela relação simbiótica do saber-poder, refletindo o mecanismo e os segredos do poder disciplinar.

O dilema das estratégias de luta locais precisa ser liberado por meio da estética da sobrevivência. A questão da prática contemporânea não é apenas uma questão de escolha individual, ela está relacionada à forma como toda a sociedade está organizada. Foucault propôs uma terceira abordagem para a oposição do pensamento dicotômico: as próprias preocupações, a própria tecnologia e o próprio governo de si mesmo. Da autoconsciência à auto preocupação e ao cuidado com os outros tornou-se a estética de sobrevivência do sujeito ético na situação educacional.

"Conhece-te a ti mesmo" como origem do pensamento, pretende enfatizar a limitação, imperfeição e transitoriedade do homem diante de Deus. Partindo do pensamento socrático de "o que é um ser humano", Foucault adota o método de pesquisa mais básico de questionar e questionar, envolvendo a tríplice regulação de leis e regulamentos, o comportamento real individual e a maneira como as pessoas devem se comportar, especialmente o comportamento de moral.

A diferença e a diversidade de comportamentos conferem à ética uma questão ampla de "preocupação consigo mesma". A moralidade na Grécia e Roma antigas enfatizava o propósito do comportamento ético e tendia à prática e ao autocultivo. Foucault acredita que o sujeito é um pensamento conceitual, o homem não é igual ao sujeito, e o homem pode se livrar de Deus e tomar suas próprias decisões.

A transição de Foucault do "eu penso" de Descartes para o "antigo penso" é do sujeito de Sartre é a liberdade, e o homem é o sujeito ao outro extremo, e o "fenômeno do pêndulo" na compreensão do sujeito aparece. Precisamos dar pleno uso à iniciativa e criatividade humanas com base no reconhecimento da espontaneidade e passividade humanas, construir um conceito de subjetividade que viva em harmonia com a natureza e a sociedade e coordenar a relação entre o homem e a natureza e entre as pessoas, proteger a natureza e promover o desenvolvimento humano sustentável.

2. As implicações pedagógicas da teoria Foucaultiana do poder intelectual

Os pensamentos de Foucault se expandiram da filosofia para a sociologia, ciência política, direito, educação e até medicina. Prisão e sociedade, assimetria de poder e sistema político, disciplina e educação escolar, preocupações com a saúde e medicina da saúde, etc., são questões quentes na pesquisa atual de Foucault.

A teoria do poder do conhecimento de Foucault tem uma influência muito ampla no campo da educação, e sua implicação pedagógica se manifesta principalmente em muitos

aspectos, como visão do sujeito, visão do conhecimento, visão professor-aluno, visão do propósito e valor.

A visão do sujeito: a prática discursiva desencadeia a remodelação do sujeito

Foucault apontou sua crítica ao subjetivismo antropológico, questionando e dissipando o sujeito onipresente que é supremo, construtivo e fundacional. Da inexistência da existência ao desaparecimento, Foucault analisou a mudança de paradigma básico da epistemologia ocidental com golpes vívidos e profundos.

A intenção original de estudar o poder é destacar o assunto. Uma vez que as formas de poder operam diretamente na vida cotidiana, elas categorizam os indivíduos e as identidades individuais assumem a natureza de rótulos e símbolos. Através da revisão da história do pensamento, Foucault desconstrói o sujeito, chega à conclusão de que o sujeito vai morrer, propõe a epistemologia pós-moderna da "morte do homem" e espera substituir a epistemologia pela arqueologia do conhecimento. Segundo a "heterotopia", as pessoas estão nas fissuras da ordem das coisas, nas fissuras da relação simbiótica entre saber e poder.

A forma de poder no campo da educação promove os indivíduos a tornarem-se sujeitos, objetivando transformar os alunos em sujeitos de atividades sociais e históricas, e torná-los membros qualificados da sociedade. Marx analisou a base econômica do poder, Gramsci discutiu o pano de fundo político do poder e Foucault se debruçou sobre o caráter cultural do poder, abrindo caminho para a influência de sua teoria no campo da educação.

A operação do poder não é unidirecional ou o único assunto. Assim como a disciplina era considerada como obtenção de liberdade ou autonomia pessoal na cultura grega e romana antiga, ela se reflete na grade do poder, em todos os lugares e em todos os lugares. Isso está mais próximo dos atributos culturais na educação. Prestar atenção à bagagem cultural de cada um e reconhecer a identidade cultural negligenciada ajudará a desenvolver melhor as atividades educativas correspondentes.

Foucault acredita que não há processo de conformação de um sujeito ético que não requiera formas subjetivamente fixadas, assim como o "ascetismo" ou "autocultivo" que promovem esses estilos. A autoformação não é um ato aleatório, mas uma decisão séria e prática de autorresponsabilidade.

Por exemplo, a seleção de escolas e cursos para vestibular, vestibular e pós-graduação, cada aluno e até mesmo seus pais costumam ser cautelosos e não agem precipitadamente. Dois aspectos do desenvolvimento. O autocultivo e o treinamento da vida exigem evitar imitações e imitações superficiais, e muitas vezes ficam atrás dos costumes, o que pode ser visto pelas características da época e pelo grau de fanatismo da adoração de ídolos por grupos de estudantes.

Eles devem enfrentar a complexa realidade social com uma atitude positiva no processo de prática do discurso, aprender as habilidades de reflexão e disciplina, livrar-se da interferência e penetração de muitos mecanismos de poder, retornar ao mundo real do eu e remodelar o sujeito.

(2) Conceito de conhecimento: a educação é um texto diverso e complicado

Spencer propôs "qual conhecimento é o mais valioso", Apple propôs "cujo conhecimento é o mais valioso" e Foucault propôs "como o conhecimento (ou poder) opera é o mais valioso". A própria pedagogia evoluiu do singular ao plural ou à criação de novos termos. A tendência geral é avançar pelo caminho da cientificação.

Passou da única verdade absoluta para o cruzamento de diferentes discursos, que é também uma "heterotopia". Aos olhos de Paina, o conhecimento curricular na educação é um texto diverso e complexo. A análise foucaultiana da arqueologia discursiva substitui a totalidade e o excesso de enunciados na história das ideias tradicionais pela individualidade e raridade dos enunciados.

Vários enunciados não formam um grande texto mudo com um sentido comum, mas cada um caminha para a dissolução da grande narrativa que Lyotard dizia. Atualmente, a pedagogia e a educação estão recebendo muita atenção de dentro e de fora, e diferentes vozes têm sido produzidas. Na perspectiva de Derrida, "não há nada fora do texto".

Embora Foucault e Derrida sempre tenham tido confrontos ideológicos, na verdade eles concordam que a existência global das diferenças está em uma relação oculta com a racionalidade, a política, a economia e a historicidade atual. e continuidade e perde quebras e lacunas.

Só assim podemos conduzir verdadeiramente a arqueologia do conhecimento sem sermos influenciados pelos chamados sistemas e leis, examinar a relação entre o conhecimento e as coisas e explorar os padrões epistêmicos de regiões específicas em vez de procurar centros ou pistas. Ela existe e pode ser aceita por grupos com diferentes origens ideológicas, crenças étnicas e orientações de valores.

Aos olhos de Foucault, não existe conhecimento objetivo, justo e isento de valores, e a função do conhecimento é apenas uma ferramenta para disciplinar e controlar as pessoas. O conhecimento, especialmente o conhecimento das ciências naturais, é indubitavelmente neutro. Nas humanidades e nas ciências sociais, a verdade é indissociável do poder, produzida por estrangulamentos e dando origem a efeitos de poder regulares.

Toda sociedade tem suas instituições de verdade, e a política geral da verdade permite distinguir entre esses mecanismos e paradigmas de declarações verdadeiras e falsas. Foucault acredita firmemente que é absurdo afirmar que existe alguma diferença substantiva entre verdade e ideologia, que é impossível separar a verdade do poder.

Ele dissipou a "objetividade" e a "pureza" do conhecimento ou verdade explicando a relação entre poder e conhecimento. O conhecimento ou verdade é produzido pelo poder e muda com o poder. O poder produz saber, e poder e saber se referem diretamente um ao outro, sem a correspondente construção de um campo de saber não pode haver relação de poder, e sem pressupor e construir relação de poder não haverá saber.

O poder é combinado com o discurso para "regular" e controlar as pessoas por meio de regras como certo e errado, fato e falsidade, racionalidade e loucura. As regras não são objetivas, mas sujeitas ao poder, e quem não se conforma com essas "regulamentações" está errado, falso e louco, e assim será reprimido ou mesmo punido.

Portanto, como não há conhecimento e verdade completamente objetivos, não há conteúdo educacional completamente neutro. Todos eles são produzidos pelo micropoder onipresente, e o conhecimento fortalece o poder. Esses poderes controlarão a seleção e a implementação do conteúdo educacional, controlando e disciplinando os alunos, o que significa que a configuração do conteúdo educacional é determinada pelo poder, que por sua vez fortalecerá o poder e servirá ao poder. Portanto, a definição de educação é difícil, o conhecimento é determinado pela relação de poder entre os diferentes níveis, e a operação do micropoder torna a educação um texto rico e tenso.

(3) Olhar professor-aluno: múltiplas interpretações da relação professor-aluno na perspectiva do micro poder

A relação professor-aluno tem um sentido amplo e um sentido restrito. O conceito em sentido amplo é um entendimento generalizado: professores são todos educadores, e pode ser ainda mais generalizado, alunos são aprendizes. Os educadores são também aprendizes no desenvolvimento profissional dos professores em uma sociedade de aprendizagem, e estão incluídos nos aprendizes.

A incompletude dos próprios educadores torna turva a certeza da relação professor-aluno. relação entre objetos e ambientes. O conceito estreito muitas vezes se limita ao ambiente escolar, sendo muito criticado na atualidade, muitas vezes é o entendimento parcial que substitui o entendimento global, e os fenômenos individuais obscurecem a lei geral. A fita que flutua entre a relação professor-aluno é ao mesmo tempo benigna e cruel.

A ética educacional da relação professor-aluno no sentido tradicional sofreu uma mudança repentina diante da realidade social: a autoridade absoluta dos professores no conhecimento foi severamente desafiada por múltiplos valores e teorias de filiação cultural. Também existem diferenças na relação entre professores e alunos em diferentes níveis e estruturas nas escolas.

Na situação educacional específica, a singularidade do professor mostra a natureza multifacetada do professor e a complexidade da personalidade da diversidade dos alunos; insatisfação. A relação professor-aluno no sentido abstrato é tridimensional e opaca em uma situação educacional aberta, com seus inevitáveis destaques, superfícies cinzentas e sombras. A desconfiança de um único indivíduo em relação ao objeto de interação leva à alienação e indiferença na relação professor-aluno.

Ao lidar com questões educacionais, grupos sociais sob a disciplina de novas posturas, Foucault acredita que isso se dá por meio da manipulação do corpo. A particularidade da relação professor-aluno reside no fato de que os indivíduos, como potências microscópicas, podem derivar conhecimento, o qual é significativamente diferente em termos de objetos de transmissão e modos de transmissão, e é diferente de outros níveis de interação humana.

O desenvolvimento da sociedade levará inevitavelmente ao pensamento refinado das pessoas sobre a relação entre si e o mundo exterior, e a atenção à relação professor-aluno é um obstáculo que todo indivíduo não consegue contornar. Conceitualmente, a singularidade de alunos e professores esconde o caos da entidade, o que leva à complexidade do nível de operação; a ambigüidade da herança cultural entre si mostra a variabilidade e seletividade do método de comunicação; o crescimento relativo de professores e alunos e o ambiente circundante. A ambigüidade do currículo afeta a incerteza do currículo e a diversidade do ensino.

Metáforas derivadas do pastor e do rebanho revelam a relação entre professores e alunos. Para que todas as ovelhas comem grama, o pastor primeiro deixa os cordeiros comerem grama nova, depois as ovelhas maduras comem grama e, finalmente, deixa as ovelhas mais velhas com grama estragada.

Não pode deixar de lembrar as pessoas das pessoas que vivem em cavernas na sociedade primitiva. As pessoas de meia-idade caçam do lado de fora, os velhos ensinam os jovens e, ao redor da fogueira à noite, os jovens e os velhos são alimentados com carne fresca e os de meia-idade comem ossos e tendões.

A relação entre professores e alunos é uma questão muito importante no campo da educação. Relativamente falando, a quantidade total de recursos educacionais é limitada, incluindo conteúdo, tempo e oportunidades. Os professores devem aprender com Moisés, o pastor em "Êxodo", do tipo de supressão forçada para o tipo de dedicação e salvação, e fazer o seu próprio Sentir o poder de si mesmo, [@Ajudando](#) cada aluno a se desenvolver e progredir.

Da perspectiva da confirmação do sujeito, podemos descobrir que Foucault espera passar do modo de "repressão e controle-resistência e submissão" para o modo de simbiose igualitária. Na educação, o modo de "repressão e controle-resistência e submissão" pode aparecer no modo de "repressão e controle-resistência e submissão", e a geração de conhecimento sob o controle do poder não pode ser concluída com sucesso.

O modelo de simbiose igualitária pode ajudar professores e alunos a formar uma identidade de sujeito e a se encontrarem na atividade docente. No processo de deliberação externa ou deliberativa, professores e alunos podem participar da pesquisa e desenvolvimento de conteúdo educacional como um dos principais membros e fazer suas próprias vozes a partir do nível micro.

Os professores, em oposição aos especialistas em educação, e os alunos, em oposição aos professores, são todos indivíduos geradores de conhecimento e não desistirão de seu discurso prático por causa do poder intelectual de alguns estudiosos. O esclarecimento para nós é que o micropoder possuído por professores e alunos resiste ao poder geral e ao mesmo tempo resiste ao poder individual. Haverá uma revolução silenciosa na reforma educacional, e eles farão o melhor para a justiça educacional.

A descontinuidade da compreensão de Foucault é influenciada pela ruptura da epistemologia de Althusser, que, por sua irreversibilidade e incompletude, mudou nossa compreensão da continuidade e da totalidade dos conceitos, que também é uma base teórica importante para estabelecer a concepção atual de professores e alunos.

Cuidar e cuidar dos alunos e punir e saquear os alunos, respeitar os professores e rejeitar os professores, refletem o pensamento oposto de um ou outro e, ao mesmo tempo, mostra que a relação professor-aluno está no meio dos dois extremos do sagrado e o secular Desenvolvimento binário paralelo ou binário entrelaçado.

(4) A visão do propósito: disciplina e punição rígidas inibem a qualidade criativa e a natureza prática dos alunos

O homem não pode existir além da história. O objetivo da educação é cultivar indivíduos com individualidade, e o maiúsculo da racionalidade é transformado em minúsculo do outro lado. Através da investigação genealógica da disciplina escolar, Foucault pôde constatar que o poder disciplinar permeia todos os níveis do trabalho escolar, e as técnicas disciplinares se tornaram um importante meio e estratégia da educação escolar.

A disciplina molda o indivíduo como seu objeto e instrumento. Disciplina e punição se manifestam como gerenciamento e avaliação em situações educacionais. O funcionamento do poder moderno é essencialmente um problema de gestão, que assenta na investigação e compreensão do objecto da gestão, sem a garantia técnica do conhecimento, o poder moderno não pode continuar a funcionar.

O sistema da verdade é o produto institucionalizado e prático do apoio mútuo e da penetração mútua do poder e do conhecimento.^{A gestão}, como método eficaz de operação da organização educacional, está profundamente enraizada na concepção dos educadores e transformada em método educacional.

Os professores são usados para influenciar os alunos por meio de inspeção, exame, supervisão, controle, recompensas e punições, e a educação escolar adota notas, horários, currículo, regras e regulamentos, etc., para interferir no aprendizado, vida e comportamento de entretenimento dos alunos, que parece ser a única maneira de fazer isso.status.

Na visão de Foucault, a disciplina e a punição inibem a formação e o desenvolvimento dos talentos criativos dos alunos, agem sobre cada indivíduo vivo na forma de poder e bloqueiam o desenvolvimento de seu espírito criativo no processo de exploração e descoberta. Porque o poder que Foucault entende muitas vezes produz resistência. Sob a supressão do poder, a flexibilidade e a diversidade das formas de vida dos alunos são rigidamente unificadas, o auto esforço e o progresso precisam ser testados pela padronização, e o comportamento criativo como alternativa alienada é disciplina ou resistência da administração.

Na verdade, os comportamentos individuais de aprendizagem, vida e entretenimento devem ser escolhidos e formados pelos alunos de forma independente. A disciplina das escolas e administradores pode matar esses talentos criativos, levando à intensificação da supremacia fracionada e do elitismo, e o resultado só pode ser esgotamento das ideias.

No duplo sentido de observação e teste, a escola é um lugar de exame constante. O exame coloca o sujeito no mundo da escrita e gravação. Exames geram registros; cada indivíduo torna-se um caso; os limites das características individuais descritivas são rebaixados. O registro escrito não era mais prerrogativa daquelas pessoas importantes cujas biografias detalhadas foram preservadas para a posteridade; tornou-se parte integrante do funcionamento do poder.

Os alunos são inerentemente criativos e práticos. A disciplina excessiva e a punição determinam o refinamento da gestão e das avaliações, assim como o fim da fibra nervosa toca cada aluno. Bloqueia-se o canal de apelo interior do micropoder dos alunos, reduzindo-os a máquinas de exame e preconizando o fracionamento, que inevitavelmente aniquilará o devido frescor e agilidade.

O perigo fatal é que a aquiescência à disciplina se espalhe entre as gerações, formando assim uma cultura de exame visível e adoração de cópia, que inevitavelmente produz arrogância

autônoma e tristeza quando a atribuição, a prática é minimizada e ignorada, e a inovação se torna difícil.

O panóptico de Bentham se reflete de forma incompleta no campo da educação e em suas atividades escolares, o que afeta as demandas básicas do micropoder dos alunos, a busca pela construção do conhecimento. Da tendência natural da era agrícola à disciplina da era industrial, a aprendizagem tornou-se uma ferramenta para obter benefícios diretos ou potenciais.

O homem verdadeiramente educado deve ser o homem mais enérgico, perseguindo a vida que escolheu com todo o seu zelo e devotar-se ao plano de sua vida e aos detalhes que ela contém. A própria educação ou autoeducação é um processo lento, ela precisa ser cultivada em um ambiente descontraído.

(5) Valores: aprender a cuidar é a estética da sobrevivência do sujeito ético no contexto educacional

A própria educação escolar é uma carreira altamente envolvida em valores e ética. Isso sem dúvida restringe a realização dos objetivos de valor educacional da escola. Somente cuidando de nós mesmos podemos nos preocupar com os outros, a natureza e a sociedade.

Essa forma de impulsionar a si mesmo e aos outros nos leva a pensar em como fazer do sujeito ético um modelo de aprender a cuidar e integrar a finalidade educativa aos detalhes do processo. Foucault defende o uso da racionalidade para conter a paixão, e a auto preocupação como auto cultivo requer um discurso verdadeiro e razoável para resistir à tentação da paixão.

A auto preocupação enfatiza a moderação, o autocontrole e a formação de um estilo moral estabelece um vínculo entre o indivíduo consigo mesmo e com os outros e, então, obtém ajuda dos outros. Preocupação de si Através de um caderno pessoal, com objetivos éticos: voltar a si, estar em contato consigo mesmo, viver consigo mesmo, acreditar em si, beneficiar-se de si e desfrutar de si, comunicadas por meio do ensino, da escuta ou da leitura, entre si e consigo mesmo constroem uma relação tão plena e hábil quanto possível.

As práticas de autogoverno e de governo dos outros estão integradas, e a relação de uma pessoa consigo mesma está ligada à sua relação com os outros. Cuidar de si mesmo não é de forma alguma uma forma de amor próprio, mas deve ser equilibrado entre amar os outros e amar os outros.

Um homem que cuida de si é um homem que cuida dos outros, um homem que não exerce poder tirânico sobre os outros, cativo de seus próprios desejos. Relativamente falando, a vontade de "uma pessoa que não se preocupa consigo mesma" é uma vontade não livre. Ele está sujeito a crises internas e externas ao mesmo tempo. O desejo próprio é o desejo absoluto. Ele espera obter muitas coisas ao mesmo tempo Ao mesmo tempo, não contraditória, carente e lenta, sua vontade vai caindo no esquecimento, mudando de objetivo.

Essas pessoas geralmente se preocupam com ganhos e perdas e ficam perdidas. O que é preciso para ser e permanecer o que deve ser para poder alcançar a verdade? A arte de viver tomará isso como o centro do problema. A intenção de Foucault é encontrar uma saída para o dilema gerado pela exteriorização da disciplina e da punição, que pode ser internalizada por meio da moderação e do autocontrole.

A prática discursiva e a prática moral no contexto educacional mostram que todos os atores educacionais, como sujeitos éticos, incluindo professores e alunos, precisam aprender a cuidar nas atividades educativas e práticas docentes, criar uma estética própria da existência na relação simbiótica saber-poder, e assumir responsabilidades individuais e comunitárias.

Foucault adota "o conhecimento cria o sujeito" e conduz a questão do sujeito para o campo do poder e da ética. A teoria do poder do conhecimento de Foucault é revelar a verdade de que as pessoas modernas são escravizadas pelo poder do conhecimento e realizam a autocapacitação e o empoderamento. A pesquisa ética considera a libertação individual e até mesmo a libertação humana como o objetivo final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



AQUINO, Julio Groppa. A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, p. 301-324, 2013.

BATISTA, Bruno Nunes. Convite à análise discursiva em Michel Foucault nas pesquisas em Educação. **Conhecimento & Diversidade**, v. 10, n. 20, p. 84-96, 2018.

DE MELO CARDOSO, Helma. Gênero, sexualidade e escola: contribuições da teorização de Foucault. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 1, p. 8, 2018.

CACIANO, Caroline; SILVA, Giuliana Arboite da. Foucault e educação: as práticas de poder e a escola atual. **Revista e-Ped-FACOS CNECO**, v. 2, n. 1, p. 224-261, 2012.

BELLO, Samuel Edmundo Lopez; SANCHOTENE, Virgínia Crivellaro. Pensamento e verdade na educação (matemática): conversações com Foucault e Deleuze. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 23, n. 1, p. 141-147, 2018.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Foucault e a crítica à institucionalização da educação: implicações para as artes de governo. **Pro-Posições**, v. 25, p. 103-120, 2014.

DA SILVA, Robson Guedes et al. Neoliberalismo e educação: notas de uma racionalidade excludente. **Revista Inter Ação**, v. 45, n. 1, p. 123-133, 2020.

DE ALMEIDA, Jonas Rangel. Experiência, acontecimento e educação a partir de Foucault. 2013.

DE CARVALHO, Alexandre Filordi; DE OLIVEIRA GALLO, Silvio D. Foucault e a governamentalidade democrática: a questão da precarização da educação inclusiva. **Mnemosine**, v. 16, n. 1, 2020.

DE RESENDE, Haroldo. **Michel Foucault: transversais entre educação, filosofia e história**. Autêntica, 2013.

DE SOUZA MENDES, Maria Isabel Brandão; GLEYSE, Jacques. O cuidado de si em Michel Foucault: reflexões para a Educação Física. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 507-520, 2015.

FERRARO, José Luís Schifino. Michel Foucault para pensar a educação em ciências: da crítica à prática. **Cadernos Zygmunt Bauman**, 2020.

FREITAS, Alexandre Simão de. A parresía pedagógica de Foucault e o êthos da educação como psicagogia. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, p. 325-338, 2013.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault**. Autêntica, 2016.

GALLO, Sílvio. " O'efeito Foucault'em Educação". **Pro-Posições**, v. 25, p. 15-21, 2014.

HENNING, Paula Corrêa; DA COSTA MUTZ, Andresa Silva; VIEIRA, Virginia Tavares. **Educações Ambientais Possíveis Ecos de Michel Foucault Para Pensar o Presente**. Editora Appris, 2019.

MARÍN RAMÍREZ, Evelyn Dariana. Educação do sensível: os passos do pensamento de Michel Foucault. **Revista Colombiana de Educación**, n. 63, p. 235-253, 2012.



RESENDE, Haroldo de. A genealogia de Michel Foucault e a história como diagnóstico do presente: elementos para a História da Educação. **Cadernos de História da Educação**, v. 19, n. 2, p. 335-344, 2020.

SILVA, Filipe Noe; BARREIRO, Alex. Apontamentos sobre educação e neoliberalismo a partir de Michel Foucault: propostas iniciais. **Universitas**, n. 25, 2019.

SOBRAL, Maria Neide. Um discurso sobre Foucault na pesquisa em Educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 1, p. 6, 2018.

SOUZA, Kelmes Holanda de et al. Foucault: a educação para a autonomia. 2019.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Autêntica Editora, 2019.

VEIGA-NETO, Alfredo; RECH, Tatiana Luiza. Esquecer Foucault?. **Pro-posições**, v. 25, p. 67-82, 2014.

XAVIER, Helen Rodrigues; JÚNIOR, Guilherme Müller. Foucault e educação: A anatomia política do corpo infantil. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 40096-40106, 2020.